

# Firmeza e tranquilidade

Fato auspicioso e esperado vem de ocorrer. Um dos principais assessores do presidente, Luiz Paulo Rosenberg, deu declarações que mostraram quanto eram improcedentes os temores manifestados por alguns. Rosenberg é o principal assessor econômico do presidente e por duas vezes falou ontem.

A primeira consequência é a constatação de que o presidente mantém o comando firme de nossa política econômica. Aqueles que adotavam posições críticas afirmando que o governo não possuía uma só linha de conduta neste sensível domínio, agora devem calar-se. Rosenberg foi claro e preciso, colocando-se todo tempo na mesma linha que vem sendo apresentada pelo presidente.

A análise feita foi principalmente interessante quanto à delicada questão da negociação de nossa dívida externa. Nada de dramatização, à simples constatação de que o Brasil e o FMI se orientam por lógicas diferentes. A posição do governo é a de que nossos compromissos internacionais devem ser saldados, mas que isto não pode ser em detrimento de nossa capacidade de crescimento econômico. Esta afirmativa não é nova e vem desde o momento da campanha dos candidatos da Aliança Democrática. Ela foi enunciada de várias formas. A mais candente destas foi a afirmação do então candidato Tancredo Neves de que dívida se paga com dinheiro e não com a fome do povo. Nisto a posição brasileira não se alterou, mas a reafirmação do princípio é importante, principalmente quando se dá após uma primeira rodada de negociações no exterior.

A lógica dos interlocutores internacionais é diferente. Para eles o importante é que os compromissos sejam saldados independente das consequências econômicas ou sociais para o devedor. Salientar esta diferença

de lógicas é colocar um elemento político importante nas discussões. E colocar os interlocutores diante de suas responsabilidades.

Tranquilo e tranquilizador, Rosenberg afirmou, também, e isto é importante, que o Brasil não tem prazos para negociação. Estamos em boa posição e ninguém vai nos obrigar a agir como se estivessemos com a corda no pescoço. Este tom é doravante o dominante entre os nossos negociadores. A falta de pressa é fundamental para reforçar a posição brasileira.

A segurança que o Brasil vem demonstrando neste domínio não é bem compreendida por todos. Existem observadores que não acreditam que o Brasil possa continuar com sua atual posição. O FMI e os Estados Unidos, Reagan em primeiro lugar, têm se mostrado inflexíveis em não admitir senão razões financeiras nas negociações. Consideram que ceder diante de um país abre um precedente perigoso para eles, pois outros pediriam as mesmas condições.

E neste domínio que as posições se aproximam. As recentes declarações de um deputado que se avistou com o presidente Sarney, de que ele estaria disposto a assumir a liderança dos países latino-americanos nas negociações da dívida externa vão neste sentido. A posição do Brasil é cada vez mais de se identificar com os países irmãos do continente. O presidente Sarney sabe que as condições favoráveis que conquistarmos tenderão a ser generalizadas. Sabe e o deseja. Não estamos pedindo muito, queremos apenas continuar um país viável. E claro que o presidente deseja o mesmo para as demais Nações do continente. Interpretar as palavras do presidente ao deputado paulista como uma ameaça de liderar um sindicato de devedores seria errôneo.